



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

MILHO	2
TRIGO	2
FRUTAS	3
BOVINOS	4
FRANGOS	5
SUÍNOS	7

O Boletim Conjuntural desta semana traz uma compilação de dados de produção, exportação e preços que desenham um panorama do agronegócio paranaense.

No campo das proteínas animais, o estado reafirma sua posição de liderança: as exportações de carne de frango saltaram em volume e faturamento no primeiro semestre de 2026, impulsionadas pelo aquecimento da demanda asiática. Do mesmo modo, os embarques paranaenses de carne suína avançaram em volume, enquanto a pecuária de corte reagiu ao longo do mês, registrando valorização na arroba do boi gordo impulsionada pelo encurtamento das escalas de abate.

Em paralelo, a agricultura enfrenta cenários de ajuste e diversificação. A produção de grãos reflete os impactos das oscilações climáticas, como a estiagem e geadas pontuais que reduziram a expectativa de colheita da segunda safra de milho, cujo ritmo de recolhimento no campo segue mais lento que nos ciclos anteriores. Já a cultura do trigo encerrou o plantio com retração na área semeada e queda projetada na safra; em contrapartida, ostenta o melhor desempenho de lavouras da última década, combinação que impulsiona os preços pagos ao produtor pelo quinto mês consecutivo.

Por fim, a fruticultura ganha destaque como importante motor de renda no espaço rural: polos regionais como Paranavaí, Curitiba e o Norte Pioneiro demonstram que espécies de alto valor agregado, a exemplo da laranja, do morango e da tangerina, garantem robustez financeira ao setor mesmo em áreas cultivadas comparativamente menores.

Boa leitura!



TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O plantio de trigo foi encerrado em todas as regiões do Paraná, resultando em uma área semeada de 727,5 mil hectares, número este 11% inferior ao registrado em 2025. Essa retração traz consigo uma possível queda na produção, que deve passar das 2,88 milhões de toneladas obtidas na safra anterior para 2,38 milhões, segundo as projeções de julho. Para que o número se confirme, o clima precisa continuar colaborando, como ocorreu até agora.

Atualmente, as lavouras apresentam seu melhor desempenho dos últimos 10 anos, pelo menos: 97% da área plantada está em boas condições e 3% em situação média, sem registro de áreas ruins. Ainda assim, o cenário exige atenção devido à alta probabilidade (81%) de o El Niño atingir a intensidade “muito forte” nos próximos meses. Até o momento, o fenômeno tem impactado a triticultura paranaense de forma moderada, com o volume expressivo de chuvas se limitando a dificultar o manejo sanitário em algumas áreas, especialmente no Sudoeste do estado.

A redução da área plantada, somada às incertezas climáticas, tem impulsionado os preços no estado. Em julho, os preços recebidos pelos produtores devem registrar o quinto mês consecutivo de alta, com valores acima de R\$ 70,00 pela primeira vez após nove meses abaixo desse patamar. Apesar da reação, a média do mês deve fechar abaixo dos R\$ 76,97 por saca registrados em julho de 2025.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O relatório mensal do Deral, divulgado nesta semana, apontou um pequeno ajuste na área estimada para a segunda safra de milho 2025/26, bem como uma revisão da produção esperada. A estimativa atual indica que foram plantados 2,9 milhões de hectares, representando um aumento de 2,4% em relação ao ciclo anterior.

A expectativa de produção atualizada aponta para uma colheita de 17,05 milhões de toneladas de milho. Esse volume é ligeiramente inferior à estimativa inicial, que era de 17,83 milhões de toneladas. O principal fator que contribuiu para essa redução foi um período de



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

estiagem durante o desenvolvimento das lavouras, o que comprometeu o potencial produtivo final. Em menor intensidade, geadas pontuais também exerceram influência sobre o desempenho da safra.

No campo, a colheita avançou e já alcança 38% da área total cultivada. Em comparação com as duas últimas safras, o ritmo de colheita está mais lento, uma vez que o plantio ocorreu de forma mais tardia em algumas regiões, influenciando todo o ciclo da cultura.

FRUTAS

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

Os 399 municípios do Paraná estão dispostos em 23 Núcleos Regionais/NRs que são a estrutura organizacional básica de ação administrativa e técnica da SEAB na sua atuação descentralizada e interiorizada. Esta análise será restrita à atividade frutícola nos cinco principais NRs, em alguns momentos nominados como região ou regional.

O NR de Paranavaí, em 2025, foi o principal produtor de frutas do estado, quando se observa o Valor Bruto da Produção/VBP, a área cultivada e os volumes colhidos. É complementado pelos

NRs de Curitiba, Jacarezinho, Maringá e Cornélio Procopio, estas cinco regiões respondem por 59,7% da área, 64,9% da produção e 63,6% do VBP do setor, em todo o estado. (FRUTI/PR 2025: 56,2 mil hectares (ha); 1,5 milhão de toneladas (t) e R\$ 4,3 bilhões).

A laranja concentra os negócios no regional de Paranavaí, pois participa com 56,1% do VBP e dos volumes produzidos e 55,6% da área destinada aos pomares do cítrico no NR em relação ao estado como um todo. Comparando-se ao próprio regional a laranja responde entre 96,0% e 98,0% nos três quesitos, correspondendo a colheitas de 413,3 mil t em 12,0 mil ha e renda bruta de R\$ 731,1 milhões. De uma maneira geral as 19 frutas na região abarcam 421,0 mil t colhidas em 12,4 mil ha e volume financeiro bruto de R\$ 760,8 milhões.

A região de Curitiba com um VBP de R\$ 656,5 milhões movimentado pela fruticultura, tem na amplitude das espécies cultivadas (32) o esteio de sua posição no setor. O morango e a tangerina são as alavancas dos 8,8 mil ha e 182,5 mil t, onde ambos representam 70,3% da renda bruta regional. As 12,3 mil t colhidas do morango em 169,0 ha geraram um VBP de R\$ 250,0



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

milhões, enquanto os R\$ 211,6 milhões da tangerina para uma produção de 129,5 mil t saíram de 6,1 mil ha, demonstrando a pujança da fruta vermelha na região e para o estado.

Por sua vez os NRs de Jacarezinho e Cornélio Procopio, no Norte Pioneiro, são o terceiro e o quinto produtores de frutas no Paraná. A goiaba e o morango no regional Jacarezinho, ordenam as atividades nos pomares, onde juntos são responsáveis por 77,5% dos R\$ 558,4 milhões de VBP regional, gerados das 95,4 mil t extraídas de 3,4 mil hectares de pomares com outras 20 espécies.

No NR de Cornélio a laranja e a uva abarcam 62,7% das receitas brutas, cujo montante da fruticultura foi de R\$ 313,3 milhões em 4,3 mil hectares e 114,6 mil toneladas extraídas, adicionando às demais 26 fruteiras.

A quarta região produtora é capitaneada por Maringá, onde a fruticultura com 27 espécies ocupou uma área de 4,6 mil ha, cujas colheitas de 138,3 mil toneladas geraram VBP de R\$ 415,0 milhões. A laranja e a uva participaram com 81,9% das receitas brutas e 88,8% dos volumes regionais.

Observando os números acima, percebe-se que para a concepção do VBP, o valor de mercado de algumas frutas, determina que mesmo com áreas e volumes menores de produção, as receitas possam ser mais substanciais, impulsionando a economia rural paranaense.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

O preço do boi gordo disparou na segunda metade de julho, revertendo uma queda que atingiu 3,5% no acumulado do mês. Cotado a R\$ 347,70 no momento da elaboração deste boletim, a arroba bovina acumulou, após altos e baixos, 3,36% de alta ao longo do mês. As escalas de abate encurtadas nos frigoríficos ajudam a manter as cotações em um momento em que a China está fora das compras de carne brasileira.

Essa menor disponibilidade imediata de animais deve continuar sustentando os preços, ao menos a curto prazo. Além disso, o retorno dos embarques para a China, que deve acontecer a partir de outubro, também se apresenta como variável importante na composição dos



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

preços. Os envios da proteína ao país asiático estiveram em marcha lenta ao longo de julho, enquanto os abatedouros tentavam evitar a sobretaxa de 55% após o esgotamento da cota anual de embarques.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

As exportações de carne de frango avançaram no 1º Semestre de 2026, com liderança do paraná. O setor avícola brasileiro consolidou sua posição de liderança no mercado global ao registrar um primeiro semestre de 2026 altamente positivo, impulsionado pela forte demanda externa e pela valorização da proteína animal no mercado internacional.

No acumulado de janeiro a junho do ano corrente, o faturamento total das exportações de carne de frango atingiu a marca de US\$ 5,593 bilhões, o que representa uma elevação de 17,9% em comparação aos US\$ 4,746 bilhões apurados em igual período de 2025. Esse desempenho financeiro foi sustentado tanto pela expansão dos volumes físicos embarcados, que somaram 2.857.833 toneladas com alta de 13,1% sobre as

2.516.749 toneladas registradas no ano anterior, quanto pelo ganho de valor, refletido na alta de 3,8% no preço médio da tonelada, que subiu de US\$ 1.883,62 para US\$ 1.957,10.

A pauta exportadora permaneceu amplamente concentrada no produto in natura, composto por cortes e aves inteiras, que respondeu por 88,6% de todo o volume comercializado pelo país no semestre. Os embarques dessa categoria alcançaram 2.532.781 toneladas, avanço de 13,7% em relação ao primeiro semestre de 2025, enquanto a receita cambial gerada subiu 17,8%, saltando de US\$ 4,217 bilhões para US\$ 4,967 bilhões. O preço médio da tonelada in natura também registrou alta de 3,6%, fechando em US\$ 1.961,22. O volume restante das exportações dividiu-se em 258.197 toneladas de miudezas, equivalente a 9,1% do total, e 66.855 toneladas de produtos industrializados, representando 2,3%.

O ritmo de crescimento do setor foi intensificado no mês de junho, quando o país embarcou 470.913 toneladas, volume 44,1% superior ao de junho de 2025, gerando US\$ 968,915 milhões em receita, expressiva alta de 58,6%.



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

No âmbito regional, o estado do Paraná reforçou sua posição como o principal produtor e exportador de carne de frango do país. No acumulado do primeiro semestre de 2026, as empresas paranaenses embarcaram 1.204.327 toneladas, montante 16,2% superior às 1.036.464 toneladas do mesmo período de 2025, resultando em um faturamento de US\$ 2,235 bilhões, alta de 17,2%. Do total exportado pelo estado, 88,8% correspondeu a itens in natura, cujo preço médio registrou leve alta de 1,9%, atingindo US\$ 1.849,61 por tonelada. Apenas no mês de junho, o Paraná exportou 199.273 toneladas, alta de 48,5%, obtendo US\$ 398,306 milhões em receita cambial, crescimento de 64,1%.

Outros estados também apresentaram desempenho expressivo no semestre: Santa Catarina exportou 646.236 toneladas (+13,0%) com alta de 17,1% em receita; o Rio Grande do Sul embarcou 374.593 toneladas (+7,8%) com avanço de 17,1% no faturamento; São Paulo alcançou 175.159 toneladas (+14,3%) com salto de 28,6% em receita; e Goiás registrou 156.125 toneladas (+19,1%) e expansão de 22,2% nos valores obtidos.

Quanto ao destino das exportações, a China permaneceu como o principal mercado comprador da carne de frango brasileira entre janeiro e junho de 2026, somando 285.298 toneladas (+26,1%) e receita de US\$ 771,544 milhões (+42,6%). O Japão figurou na segunda posição em faturamento, gerando US\$ 493,865 milhões (+59,6%) com o embarque de 195.284 toneladas (+22,1%). A Arábia Saudita ocupou o terceiro lugar, importando 213.768 toneladas (+5,9%) por US\$ 508,585 milhões (+3,1%), seguida pelos Emirados Árabes Unidos, com 211.830 toneladas (-8,5%) e US\$ 410,962 milhões (-11,2%), e pela África do Sul, que registrou forte expansão ao adquirir 185.319 toneladas (+39,4%) por US\$ 108,830 milhões (+25,5%).

O grupo dos dez maiores importadores incluiu ainda as Filipinas (142.284 t e US\$ 122,389 milhões), os Países Baixos (122.932 t e US\$ 398,392 milhões), o México (119.499 t e US\$ 260,518 milhões), a Coreia do Sul (103.303 t e US\$ 225,861 milhões) e Singapura (79.249 t e US\$ 162,159 milhões).

As projeções divulgadas pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) apontam para a continuidade do



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

ciclo de expansão e para a consolidação de novos recordes históricos. Para o fechamento de 2026, estima-se que as exportações totais alcancem até 5,875 milhões de toneladas, um crescimento de até 10,3% em relação a 2025, acompanhadas por uma produção nacional entre 16,0 milhões e 16,15 milhões de toneladas (+5,6%). A oferta interna deve atingir 10,275 milhões de toneladas (+3,1%), elevando o consumo per capita para 48,1 kg por habitante ao ano.

Para 2027, o cenário permanece positivo, com previsões de exportações de até 6,05 milhões de toneladas (+3,0%) e produção total atingindo 16,6 milhões de toneladas (+2,8%), o que permitirá ao consumo per capita nacional alcançar 49,4 kg por habitante.

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

O primeiro semestre de 2026 encerrou com balanço altamente positivo para os embarques brasileiros de carne suína. De acordo com dados do Agrostat Brasil, sistema vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), a receita

cambial acumulada no período atingiu US\$ 1,839 bilhão, o que representa uma alta de 8,3% frente ao US\$ 1,699 bilhão registrado em igual etapa de 2025. Esse crescimento financeiro foi impulsionado pelo avanço no volume exportado, que totalizou 773.143 toneladas e superou em 10,5% as 699.537 toneladas embarcadas no primeiro semestre do ano anterior. O aumento na receita ocorreu a despeito de uma ligeira retração de cerca de 2% nos preços médios internacionais da tonelada, que passaram de US\$ 2.428,34 em 2025 para US\$ 2.378,88 em 2026.

O perfil das vendas externas manteve-se fortemente concentrado no segmento in natura, composto por cortes e carcaças, responsável por 88,4% de todo o volume exportado pelo país. Esse tipo de produto registrou alta de 8,5% no volume, subindo de 630.371 toneladas no primeiro semestre de 2025 para 683.803 toneladas no mesmo período de 2026, gerando um faturamento de US\$ 1,716 bilhão, valor 7,3% superior ao registrado anteriormente.

Por outro lado, o preço médio do produto in natura sofreu uma retração pontual de 1,0%, caindo de US\$ 2.535,95 para US\$ 2.509,49 por tonelada. Já os produtos industrializados somaram apenas



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

5.735 toneladas, representando 0,7% do total embarcado pelo setor.

Diferente do resultado acumulado no semestre, o mês isolado de junho apresentou uma desaceleração no ritmo das exportações. As empresas brasileiras embarcaram 120.546 toneladas de carne suína, somando produtos in natura e processados, volume 10,8% menor do que as 135.091 toneladas registradas em junho de 2025. Em termos financeiros, o faturamento do mês totalizou US\$ 309,850 milhões, representando um recuo de 8,6% em relação aos US\$ 338,858 milhões obtidos em igual mês do ano anterior.

No âmbito estadual, o Paraná, que ocupa a posição de terceiro maior exportador e segundo maior produtor nacional de carne suína, manteve trajetória de expansão em volume no acumulado semestral. O estado exportou 119.386 toneladas entre janeiro e junho de 2026, montante 7,9% superior às 110.672 toneladas de 2025, embora a receita cambial correspondente tenha apresentado um ligeiro recuo de 0,8%, somando US\$ 279,823 milhões contra US\$ 282,149 milhões no ano anterior. Do total paranaense, 88% correspondeu a itens in natura, cujo preço médio praticado situou-

se em US\$ 2.519,65 por tonelada, valor 6,8% inferior ao observado no mesmo período de 2025. Especificamente no mês de junho, o Paraná divergiu da tendência nacional de queda e embarcou 20.542 toneladas, uma alta de 3,0% em relação às 19.947 toneladas de junho de 2025, embora a receita do mês tenha caído 9,2%, somando US\$ 47,560 milhões.

Quanto aos demais estados exportadores no acumulado do semestre, Santa Catarina liderou o ranking nacional com 372.886 toneladas e alta de 1,0% em volume e de 3,4% em faturamento. O Rio Grande do Sul ocupou a segunda colocação com 197.870 toneladas, apresentando expressivo crescimento de 28,8% em volume e 26,6% em receita. O Mato Grosso figurou em quarto lugar com 24.728 toneladas, avançando 34,7% em volume e 33,0% em faturamento, seguido por Minas Gerais em quinto lugar, com 22.923 toneladas, registrando altas de 32,0% em volume e 21,0% em faturamento.

Na análise por mercados compradores, as Filipinas consolidaram-se como o principal destino da carne suína brasileira no primeiro semestre de 2026, importando 203.861 toneladas e gerando US\$ 463,297 milhões, o que representou



Boletim Conjuntural Semana 31/2026 – 30 de julho de 2026

altas de 30,0% em volume e 30,3% em faturamento. O Japão ocupou a segunda posição com 92.319 toneladas e US\$ 309,029 milhões, registrando forte expansão de 66,5% em volume e 61,4% em receita. A China figurou na terceira posição com 64.235 toneladas e US\$ 144,100 milhões, apresentando recuos de 33,0% em volume e 31,9% em faturamento. O Chile posicionou-se em quarto lugar com 60.423 toneladas e US\$ 138,885 milhões, com alta de 9,0% em volume e estabilidade na receita de 0,1%, enquanto Hong Kong fechou o grupo dos cinco maiores compradores com 50.081 toneladas e US\$ 108,421 milhões, registrando queda de 20,5% no volume, mas avanço de 28,6% no faturamento.

Completando os dez maiores destinos figuram a Argentina, com 29.698 toneladas e US\$ 77,348 milhões; o México, com 28.777 toneladas e US\$ 66,705 milhões; o Uruguai, com 26.982 toneladas e US\$ 70,075 milhões; o Vietnã, com 22.415 toneladas e US\$ 52,745 milhões; e a República da Geórgia, com 18.532 toneladas e US\$ 43,314 milhões.

Por fim, as projeções divulgadas pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) sinalizam a manutenção do

ritmo de crescimento da suinocultura nacional nos próximos anos, impulsionada pelo aquecimento das vendas externas e pela sólida demanda interna. A produção nacional deve evoluir de 5,592 milhões de toneladas em 2025 para até 5,870 milhões de toneladas em 2026, o que representa um avanço de até 5,0%, podendo alcançar 6,050 milhões de toneladas em 2027. O volume total exportado pelo setor deve atingir até 1,600 milhão de toneladas em 2026, com alta de até 5,9% sobre o ano anterior, e chegar a 1,700 milhão de toneladas em 2027. No mercado doméstico, a disponibilidade de carne suína subirá para aproximadamente 4,270 milhões de toneladas em 2026 e 4,350 milhões em 2027, elevando o consumo per capita brasileiro dos 19,1 kg verificados em 2025 para até 20,0 kg por habitante em 2026 e até 20,4 kg em 2027.